

Consolidação bancária: tendências recentes nos países desenvolvidos e na União Européia*

*Luiz Fernando Rodrigues de Paula***

*Professor da Faculdade de Ciências
Econômicas da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FCE)
e Pesquisador do CNPq.*

Resumo

Este artigo analisa algumas das causas e conseqüências do processo de consolidação na indústria bancária, nos países da OCDE, com ênfase no recente processo de consolidação bancária que está ocorrendo na Europa, no contexto da união econômica e monetária européia.

Palavras-chave

Consolidação bancária; fusões e incorporações; União Européia.

Abstract

This paper analyses some causes and consequences of banking consolidation in OECD countries, with particular emphasis on the recent experience of banking consolidation in Europe under the context of economic and monetary union.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 25.07.02.**

* Este texto é parte da pesquisa de pós-doutoramento realizada originalmente no Centre for Brazilian Studies da Universidade de Oxford.

** E-mail: lfpaula@alternex.com.br

O autor é membro do Grupo de Estudos da Moeda e Sistema Financeiro no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (www.ie.ufrj.br/moeda).

1 - Introdução

O processo de consolidação bancária — que deve ser entendido como o processo resultante de uma fusão ou de uma aquisição, seja dentro de um setor da indústria financeira seja entre setores, que, em geral, reduz o número de instituições e aumenta o grau de concentração de mercado¹ — tem se acelerado, sobremaneira, nos países desenvolvidos nas duas últimas décadas, em consequência, principalmente, da desregulamentação financeira e das inovações tecnológicas. Como resultado desse processo, observa-se uma diminuição na quantidade de instituições bancárias, um aumento no grau de concentração bancária na maioria dos países e, finalmente, mas não menos importante, um declínio nas margens líquidas de juros dos bancos devido ao aumento na competição bancária. Nesse contexto, verifica-se a formação de grandes conglomerados financeiros em escala regional ou internacional.

Este artigo analisa o processo de consolidação na indústria bancária nos países da OCDE, com ênfase no recente processo de consolidação bancária que está ocorrendo na Europa no contexto da união econômica e monetária europeia. O artigo está dividido em três seções, além desta introdução.

A seção 2 examina as recentes mudanças na indústria bancária, nos países da OCDE e mostra que está em operação, em grande medida como um fenômeno internacional, um processo de consolidação na indústria bancária, como resultado da desregulamentação financeira e das mudanças tecnológicas. Uma vez que a margem líquida de intermediação dos bancos está sob pressão para baixo, causada pelo aumento na competição do setor bancário, eles precisam aumentar sua escala de operação para manter sua lucratividade. Nesse contexto, a consolidação bancária resulta, em parte, da tendência de aumento na escala mínima necessária para um banco universal manter-se competitivo.

A seção 3 analisa o processo de consolidação no setor bancário europeu, no contexto da União Europeia (UE). Ele mostra que, embora o processo de consolidação bancária tenha se acelerado nos últimos anos, em função do Programa de Mercado Único e da União Monetária Europeia (UME), existem alguns impedimentos para fusões e aquisições (F&A) pan-europeias e incentivos para tal atividade fora da região. Um desses incentivos é o fato de que o domínio geográfico da política monetária não coincide com aquele correspondente à

¹ De acordo com Berger (2000), existem três principais tipos de consolidação financeira: (a) consolidação envolvendo organizações bancárias dentro de um país; (b) consolidação entre países envolvendo organizações bancárias; e (c) consolidação do tipo universal entre bancos comerciais e outros tipos de provedores de serviços financeiros. Tipicamente esses tipos de consolidação realizam-se através de fusões e de incorporações (F&A) entre instituições financeiras existentes.

supervisão prudencial na zona do euro. Conseqüentemente, a ausência de uma agência regulatória única na zona do euro tem limitado os possíveis benefícios que os bancos teriam para expandir suas atividades dentro das fronteiras da região.

Por fim, a seção 4 sumariza os argumentos principais desenvolvidos no texto.

2 - Mudanças recentes na indústria bancária, nos países desenvolvidos

Devido à crescente erosão entre as fronteiras dos mercados financeiros, como resultado do processo de desregulamentação financeira, existe uma tendência para unificação desses mercados dentro e fora das fronteiras nacionais. Desse modo, a desregulamentação financeira tem dois lados: um lado é a gradual abolição das fronteiras legal-institucionais que prevaleciam entre os diferentes mercados financeiros dentro das fronteiras nacionais; outro lado é a maior abertura dos sistemas financeiros domésticos no que se refere à entrada de bancos estrangeiros.² Como resultado, as fronteiras entre os produtos financeiros, entre instituições bancárias e não-bancárias e entre as localizações geográficas das instituições financeiras têm diminuído de forma notável. A desregulamentação dos serviços financeiros em nível nacional; a abertura do setor bancário à competição internacional; os desenvolvimentos tecnológicos, com impacto sobre o processamento das informações e sobre os canais alternativos de entrega de serviços (ATMs, *internet*, banco eletrônico, etc.); e, por último, as mudanças no comportamento das instituições financeiras, tais como a maior ênfase no retorno aos acionistas; todos esses fatores juntos têm empurrado as instituições financeiras para um acelerado processo de consolidação.

De fato, muito do recente incremento na consolidação bancária representa uma resposta ao processo de desregulamentação que o fez possível e o tornou menos custoso, como tipicamente é o caso do Ato Riegle-Neal nos Estados Unidos da América (EUA) e do Programa de Mercado Único na União Européia. Possivelmente a consolidação deverá ser estimulada, no futuro próximo, por algumas mudanças políticas recentes, tais como o Ato Gramm-Leach-Bliley nos EUA e a unificação monetária na UE, que devem precipitar uma maior consolidação de instituições financeiras (Berger et al, 2000; Berger; Young; Udell, 2000). No caso da recente onda de F&A nos EUA, esse movimento resulta da eliminação das restrições geográficas — tanto em nível estadual quanto fe-

² Sobre este último aspecto, ver Focarelli e Pozzolo (2000) e Paula (2002, pt. 2).

deral — sobre as instituições financeiras e as agências bancárias, do relaxamento nas atividades que os bancos podem participar e, finalmente, do *boom* nos lucros dos bancos e na Bolsa de Valores da última década, que reduziu os custos das aquisições. Diferentemente da onda de F&A dos anos 80, a recente onda, em adição à consolidação de pequenas unidades, tornada possível pela remoção de restrições a agências e a múltiplos escritórios, também incluiu um aumento nas fusões dos grandes bancos com mais de US\$ 1 bilhão em ativos (Kregel, 2001). Nesse contexto, a Lei do Mercado Único, ao criar um passaporte bancário único na UE, supostamente deveria criar as mesmas oportunidades para atividade de fusões e aquisições que ocorreram nos Estados Unidos.³ Os Quadros 1 e 2 resumem as principais normas referentes às mudanças regulatórias nas atividades bancárias, nos EUA e na UE, nos anos 80 e 90.

Países em que predominavam sistemas financeiros segmentados e novas instituições financeiras (por exemplo, instituições de poupança) e não-financeiras (por exemplo, grandes lojas de varejo e firmas de cartão de crédito) entraram no mercado de crédito comercial. Além disso, investidores institucionais têm competido com bancos para atrair as poupanças financeiras das firmas e das famílias. Conseqüentemente, o mercado bancário está se tornando crescentemente contestável, uma vez que o grau de competição nesse mercado está aumentando, diminuindo, assim, a vantagem de custo que os bancos tinham em adquirir fundos. Adiciona-se a isso o fato de que os avanços na tecnologia de informação têm tornado mais fácil para as famílias, firmas e instituições financeiras avaliarem a qualidade dos títulos. Desse modo, ao invés de irem aos bancos para atenderem as suas necessidades de crédito de curto prazo, muitos clientes corporativos, agora, tomam recursos emprestados no mercado de *commercial papers* (Edwards; Mishkin, 1995, p. 31).

Portanto, com a eliminação das barreiras institucionais no sistema financeiro e o aumento na competição bancária, os bancos comerciais têm procurado diversificar suas atividades, tais como seguro e títulos, de modo a compensar as perdas no campo do crédito bancário e a manter sua posição destacada como intermediário financeiro. Em particular, eles têm dado prioridade a serviços financeiros que geram rendas (*underwriting*, administração de fundos de pensão, assessoria em aquisições e fusões de firmas, administração de portfólio das firmas, engenharia financeira, etc.), assim como a atividades fora do balanço, tais como aceite bancário, securitização, derivativos, etc. Como pode ser visto na Tabela 1, em vários países desenvolvidos existe uma clara tendência de crescimento na participação relativa das receitas não-juros, no total do resultado bruto dos bancos.

³ Retomamos este assunto na seção seguinte.

Quadro 1

Mudanças na regulamentação da atividade bancária nos EUA — anos 80 e 90

NORMAS	ANOS	DESCRIÇÃO
Leis estaduais	1980	Vários estados americanos começaram a aprovar leis que permitiram que <i>holdings</i> bancários de outros estados entrassem no estado via aquisição de bancos existentes. Essas leis erodiram, pouco a pouco, as restrições federais existentes sobre a atividade bancária interestados.
Ato Garn-St Germain	1982	Esse ato legislativo autorizou a existência de contas de depósitos no mercado monetário (" <i>money market deposit accounts</i> "). Ela também permitiu aos bancos comprarem outros bancos e instituições de poupança em outros estados.
Ato Riegle-Neal	1994	Esse ato, totalmente implementado em julho de 1997, eliminou muitas das restrições ainda existentes sobre a atividade bancária entre estados e também legitimou e ampliou as mudanças nas regulamentações estaduais. Em particular, ele permitiu aos bancos comprarem outros bancos ou estabelecerem subsidiárias bancárias em qualquer estado do país. Ele também permitiu aos bancos nacionais abrirem agências ou converterem subsidiárias bancárias em agências entre as fronteiras dos estados.
Ato Gramm-Leach-Bliley	1999	Esse ato removeu muitas das restrições existentes a respeito da combinação entre atividade comercial, subscrição de títulos e seguro nas organizações consolidadas. Dentre outras, ele autorizou companhias financeiras a se engajarem no amplo espectro de serviços financeiros, tais como bancos comerciais, seguros, títulos e bancos de investimento.

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BERGER, A. N. et al. **Globalization of financial institutions: evidence from cross-border banking performance**. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.
 KROSZNER, R. S. The economics and politics of financial modernization. **FRBNY Economic Policy Review**, p. 25-37, Oct. 2000. p. 31.

Quadro 2

Mudanças na regulamentação da atividade bancária na União Européia — anos 70 e 90

NORMAS	ANOS	DESCRIÇÃO
Primeira diretiva de coordenação bancária	1977	Essa diretiva estabeleceu uma estrutura que criou um mercado bancário único na UE; estabeleceu, ainda, requerimentos mínimos para autorização de instituições de crédito; introduziu (mas não implementou) o conceito de “tratamento nacional” pelo qual uma agência bancária estrangeira estaria sujeita às restrições bancárias de seu país de origem; proibiu países hospedeiros de impedirem a entrada de um banco estrangeiro, tendo como base “necessidades econômicas”; começou o processo de unificação das regulamentações prudenciais entre os países-membros.
Lei do Mercado Único Europeu	1986	Essa lei, implementada em fevereiro de 1992, criou um mercado econômico único ininterrupto na UE, uma vez que eliminou todas as barreiras físicas, legais e técnicas ao movimento de mão-de-obra, de bens, de serviços e de capital entre países.
Segunda diretiva de coordenação bancária	1989	Essa diretiva, implementada em 1993-94, liberalizou o comércio de serviços financeiros entre as fronteiras da UE; introduziu uma licença bancária única válida em toda a UE; limitou restrições às agências e à combinação de produtos àqueles impostos pelos reguladores do país de origem de um banco; terminou com a prática de requerer às agências entre países reterem um nível de capital acima do normal; por fim, harmonizou os requerimentos mínimos de capital entre países (embora, para os propósitos da política monetária e da regulamentação prudencial, ela permitisse ao país hospedeiro estabelecer razões de liquidez).
União Monetária Européia (UME)	1999	Com o início da UME, em 1º.01.99, introduzindo uma união monetária na zona do euro, complementaram-se as diretrizes da UE, devendo levar a um aumento da consolidação entre países pelo aprimoramento do comércio, pela redução nos custos de conversão da moeda por parte das instituições que operam em várias nações e pela diminuição nos custos para os consumidores e para os negócios relacionados à compra de serviços das instituições estrangeiras.

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BERGER, A. N. et al. **Globalization of financial institutions: evidence from cross-border banking performance**. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.
 BERGER, A. N.; DEYOUNG, R.; UDELL, G. F. **Efficiency barriers to the consolidation of the European financial services industry**. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo. seção 2.2.

Tabela 1

Indicadores de desempenho dos bancos comerciais
em países selecionados — 1980-1994

PAÍSES	Indicadores de desempenho dos bancos comerciais em países selecionados — 1980-1994 (%)					
	LUCROS ANTES DOS IMPOSTOS (1)			RECEITAS NÃO-JUROS (2)		
	1980-82 (3)	1986-88	1992-94	1980-82 (3)	1986-88	1992-94
Estados Unidos	1,0	0,7	1,6	24	30	35
Alemanha	0,5	0,7	0,5	29	30	29
França	0,4	0,4	-0,1	16	17	46
Itália	0,7	1,0	0,8	26	29	26
Reino Unido	1,1	1,0	0,7	29	37	43
Canadá (4)	0,5	1,0	1,1	22	27	36
Austrália	0,9	1,2	0,7	...	40	42
Bélgica	0,4	0,4	0,3	15	22	26
Países Baixos	0,3	0,7	0,6	25	26	30
Noruega	0,6	0,0	0,2	27	30	29
Espanha	0,7	1,1	0,6	18	20	27
Suécia	0,3	0,8	0,5	30	31	44
Suíça	0,6	0,7	0,6	47	49	51

FONTE: ANNUAL REPORT, 66th. Basel: Bank for International Settlements, 1996. p. 82; com dados da OCDE.

NOTA: Para Austrália, Bélgica, Países Baixos e Suíça, todos os bancos; para outros países, somente bancos comerciais.

(1) Percentagem do total de ativos. (2) Percentagem do resultado bruto. (3) Para França, Austrália e Bélgica, 1981-82; para Canadá, 1982. (4) Anos fiscais.

A Tabela 2 mostra que, numa perspectiva de mais longo prazo, as margens líquidas de juros dos bancos apresentam uma tendência de declínio na maioria dos países selecionados, com exceção da Finlândia e da Espanha. De fato, o generalizado aperto nas margens líquidas de juros, como já assinalado, evidencia a perda, a longo prazo, de lucratividade nas atividades tradicionais de intermediação, enquanto o firme e amplo declínio nos *ratings* individuais de crédito, desde o final dos anos 80, mostra a deterioração no risco relacionado ao lucro das instituições financeiras. Bancos têm enfrentado um ambiente crescentemente competitivo no contexto do amplo processo de desregulamentação e de

aceleração no ritmo da inovação financeira.⁴ Como as margens líquidas de juros têm estado sujeitas a pressões competitivas cada vez maiores, o que gera um declínio nos fluxos de ganhos em relação aos custos, os bancos têm, crescentemente, buscado aumentar suas rendas não-financeiras como fonte de receitas, em particular tarifas e comissões. Por outro lado, por causa da pressão por canais alternativos de *funding*, assim como da pressão de outros bancos domésticos e estrangeiros, existe uma crescente ênfase no retorno aos acionistas como o principal objetivo dos negócios dos bancos. De modo a alcançar tal objetivo, os bancos estão cortando custos operacionais, concentrando suas atividades em um conjunto de produtos e serviços que geram mais altas taxas de retorno e, ao mesmo tempo, expandindo suas atividades dentro e fora das fronteiras nacionais.

Algumas tendências gerais de reestruturação na indústria bancária, durante o período 1980-97, nos países desenvolvidos, incluem, além do declínio nas margens líquidas de intermediação financeira dos maiores bancos, os seguintes aspectos: (a) o número de instituições depositárias (bancos comerciais, instituições de poupança e vários tipos de bancos mútuos e cooperativos) tem declinado, ao mesmo tempo em que o tamanho médio dessas instituições tem crescido, levando a um aumento na concentração bancária na maioria dos países (Tabela 3); (b) as despesas de pessoal têm declinado, virtualmente, em todos os países (Tabela 4), e, em menor extensão, a rede de agências bancárias também encolheu. Entretanto, como as Tabelas 3 e 4 mostram, o processo de consolidação tem sido desigual entre os países e também entre os diferentes segmentos do sistema financeiro. Em particular, o processo de reestruturação bancária na maior parte da Europa continental e no Japão tem ficado atrás dos países de língua inglesa.

A onda de fusões e aquisições no mundo — dentro e fora das fronteiras nacionais — resulta parcialmente das recentes mudanças nos sistemas financeiros. Como já foi visto anteriormente, as margens líquidas de juros dos bancos estão sob pressão para baixo, uma vez que a competição tem aumentado. Bancos procuram responder a esse desafio cortando seus custos operacionais. Entretanto, como existem limites à compressão dos custos, eles praticamente

⁴ De acordo com o BIS (Ann. Rep. 66th, 1996, p. 83), "(...) o levantamento dos constrangimentos sobre os balanços, taxa de juros e comissões, a redução nas barreiras geográficas e funcionais e os avanços tecnológicos têm desencadeado forças nunca antes vistas trabalhando por uma maior reestruturação e consolidação na indústria bancária".

não têm outra alternativa senão tentar aumentar sua base de clientes, assim como seus negócios em geral, de modo a se beneficiar de maiores economias de escala⁵ e de escopo⁶. De modo a aumentar seus negócios, os bancos têm duas opções: (a) crescer organicamente, expandindo sua escala de negócios; ou (b) crescer através de fusões e aquisições, que é a forma mais rápida para expansão. A recente onda de F&A nos países desenvolvidos tem levado à constituição de grandes conglomerados financeiros, atuando em diferentes mercados. A expansão desses conglomerados — embora eles sejam ainda confinados em boa medida à fronteira nacional — tem ocorrido, crescentemente, entre países, algumas vezes tomando a forma de alianças estratégicas e por aquisição de participações minoritárias (e não controladoras) de capital. A diversificação geográfica bancária, via instalação de agências e subsidiárias em outros países, faz parte de uma estratégia geral de fortalecer a posição global dos conglomerados financeiros, no caso em que a expansão para o Exterior é uma parte importante na estratégia do banco⁷.

⁵ Economias de escala existem quando o custo médio é decrescente em escala em uma relevante extensão, quando o produto está se expandindo. Se isso ocorre, então, as instituições maiores podem ser mais eficientes. Algumas linhas de negócios se beneficiam da escala, enquanto outras não. Exemplos de ganhos potenciais de escala na área bancária incluem rede física de distribuição de agências, infra-estrutura de *software*, sistemas de distribuição eletrônica, etc. Há ampla literatura sobre o assunto na área bancária, sobretudo no que se refere à mensuração de tais economias. Ver, por exemplo, Santomero e Eckles (2000).

⁶ Economias de escopo existem quando o custo médio cai, quando mais produtos são produzidos conjuntamente ao invés de separadamente, isto é, ocorrem quando as despesas podem ser diminuídas se uma firma pode oferecer vários produtos a um custo mais baixo do que empresas que, competindo separadamente, coloquem à disposição o mesmo conjunto de produtos. A sua aplicação na atividade bancária está relacionada à idéia de um supermercado de produtos e serviços bancários.

⁷ De acordo com Focarelli e Pozzolo (2000, p.1), "(...) o padrão de participação acionária do banco internacional seguiu a integração econômica entre países: os bancos estenderam suas atividades para o exterior de modo a prover serviços em transações internacionais para clientes do seu país de origem; posteriormente, com o crescente entendimento do mercado estrangeiro — em particular os aspectos institucionais e regulatórios — e o desenvolvimento de uma rede de relações com as instituições financeiras locais, alguns bancos foram induzidos a aumentar o âmbito de suas operações e prover, também, serviços para a população local. Embora este relato seja de modo geral preciso, (...) hoje o atual padrão de participação acionária do banco internacional depende de um conjunto maior de fatores do que somente o grau de integração econômica entre países".

Tabela 2

Lucratividade dos maiores bancos em países selecionados — 1996-98

PAÍSES	(%)								
	RETORNO SOBRE ATIVOS (1)			PROVISÃO PARA DEVEDORES DUVIDOSOS			MARGEM LÍQUIDA DE JUROS		
	1996	1997	1998	1996	1997	1998	1996	1997	1998
Estados Unidos - 13									
bancos	1,83	1,77	1,42	0,35	0,39	0,44	3,44	3,19	3,03
Japão (2) - 19 bancos	-0,54	0,00	-0,74	1,82	0,92	1,90	1,16	1,28	1,07
Zona do euro - 44 bancos									
.....	0,55	0,53	0,63	0,30	0,32	0,32	1,79	1,69	1,55
Bélgica (3) - 4 bancos ..	0,54	0,65	0,50	0,19	0,13	0,06	1,62	1,44	0,96
Finlândia -1 banco	0,73	1,06	-0,08	0,54	0,44	0,33	1,57	1,77	1,79
França - 6 bancos	0,32	0,37	0,27	0,20	0,30	0,23	1,09	1,07	0,63
Alemanha - 3 bancos ...	0,51	0,36	0,56	0,21	0,27	0,24	1,37	1,23	0,98
Itália - 8 bancos	0,40	0,02	0,61	0,50	0,75	0,55	2,15	2,03	2,06
Países Baixos - 3 bancos									
.....	0,80	0,81	0,60	0,27	0,18	0,26	2,20	2,06	1,90
Espanha - 6 bancos	0,84	0,99	1,07	0,42	0,36	0,38	2,57	2,66	2,76
Dinamarca - 2 bancos	0,97	0,95	0,90	0,22	0,13	0,17	2,03	1,70	1,62
Noruega - 2 bancos	1,42	1,25	0,95	-0,21	-0,16	0,25	2,48	2,18	2,17
Suécia - 4 bancos	1,32	0,81	0,93	0,26	0,11	0,12	1,99	1,83	1,46
Suíça	-0,06	-0,11	0,46	0,72	0,29	0,15	0,91	0,85	0,80
Reino Unido - 4 bancos									
.....	1,22	0,99	1,19	0,21	0,21	0,25	2,24	2,16	2,18
Canadá (2) - 6 bancos	1,22	1,24	0,99	0,23	0,20	0,21	2,54	2,24	1,98
Austrália (2) - 4 bancos									
.....	1,78	1,63	1,39	0,16	0,18	0,26	3,35	3,09	2,89

FONTE: BIS QUARTERLY REVIEW. Basel: Bank for International Settlements, p. 44, Aug. 1999.

NOTA: Como percentagem da média do total de ativos.

(1) Lucros antes dos impostos. (2) Anos fiscais. (3) Em 1998, somente três bancos.

Tabela 3

Número de instituições e grau de concentração, na reestruturação bancária, em países selecionados — 1980-1997

PAÍSES	NÚMERO DE INSTITUIÇÕES (1)			PICO DESDE 1980		
	1980 (3)	1990	1997	Quantidade de Instituições	Anos	Δ% (4)
Estados Unidos	36 103	27 897	22 140	36 103	1980	-38,7
Japão	547	605	575	610	1988	-5,7
Zona do euro (6)	9 445	8 979	7 040	9 445	1985	-25,5
Áustria	1 595	1 210	995	1 595	1980	-37,6
Bélgica	176	157	136	176	1980	-22,7
Finlândia	631	498	341	631	1985	-46,0
França	1 033	786	567	1 033	1984	-45,1
Alemanha	5 355	4 721	3 577	5 355	1980	-33,2
Itália	1 071	1 067	909	1 109	1987	-18,0
Países Baixos	200	180	169	200	1980	-15,5
Portugal	17	33	39	39	1997	-
Espanha	357	327	307	378	1982	-18,8
Noruega	346	165	154	346	1980	-55,5
Suécia	598	498	124	598	1980	-79,3
Suíça	478	499	394	499	1990	-21,0
Reino Unido	796	665	537	796	1983	-32,5
Austrália	812	481	344	812	1980	-57,6
Canadá	1 671	1 307	942	1 671	1984	-43,6

(continua)

Tabela 3

Número de instituições e grau de concentração, na reestruturação bancária,
em países selecionados — 1980-1997

PAÍSES	CONCENTRAÇÃO DAS CINCO MAIORES (2)		
	1980 (5)	1990	1997
Estados Unidos	9	9	17
Japão	25	30	31
Zona do euro (6)			
Áustria	40	35	44
Bélgica	53	48	57
Finlândia	63	65	77
França	56	52	57
Alemanha	17
Itália	26	24	25
Países Baixos	69	73	79
Portugal
Espanha	38	38	47
Noruega	63	68	59
Suécia	64	70	90
Suíça	45	45	49
Reino Unido	49	47
Austrália	62	65	69
Canadá	55	78

FONTE: BIS QUARTERLY REVIEW. Basel: Bank for International Settlements, p. 45, Aug. 1999.

(1) Instituições depositárias: geralmente incluem bancos comerciais, instituições de poupança e vários tipos de bancos cooperativos. (2) Participação relativa no total de ativos. (3) Para a zona do euro e Finlândia, 1985; para França e Canadá, 1984; para o Reino Unido, 1983; para Portugal e Espanha, 1981. (4) Do pico para a mais recente observação, quando aplicável. (5) Para França, 1986; para Itália, 1983; para Áustria, Finlândia e Países Baixos, 1985; para Suíça, 1987. (6) Excluindo Irlanda e Luxemburgo.

Tabela 4

Emprego e custos de mão-de-obra, na reestruturação bancária,
em países selecionados — 1980-1997

PAÍSES	NÚMERO DE EMPREGOS (1) (1 000)			PICO DESDE 1980		
	1980 (4)	1990	1997	Número (1 000)	Anos	Δ% (5)
Estados Unidos	1 900	1 979	1 929	2 136	1987	-9,7
Japão	609	585	554	609	1980	-9,0
Zona do euro (7)	1 756	2 050	2 043	2 052	1992	-2,3
Áustria	62	75	75	77	1992	-2,5
Bélgica	68	79	77	79	1990	-0,3
Finlândia	42	50	26	53	1989	-50,3
França	398	399	382	401	1988	-4,7
Alemanha	533	696	751	758	1994	-0,9
Itália	277	324	314	333	1993	-5,6
Países Baixos	56	59	60	63	1992	-4,8
Portugal	107	116	115	117	1991	-1,7
Espanha	252	252	242	256	1991	-5,4
Noruega	24	31	24	35	1987	-29,5
Suécia	39	45	43	46	1991	-5,9
Suíça	84	120	107	120	1990	-10,7
Reino Unido	324	423	356	428	1989	-16,8
Austrália	265	356	317	356	1990	-11,0
Canadá	170	211	264	264	1997	-

(continua)

Tabela 4

Emprego e custos de mão-de-obra, na reestruturação bancária,
em países selecionados — 1980-1997

PAÍSES	CUSTOS DE MÃO-DE-OBRA (2) (3)		
	1980-82 (6)	1986-88	1995-96
Estados Unidos	36	31	26
Japão	44	33	36
Zona do euro (7)	37
Áustria	48	42	36
Bélgica	41	33	40
Finlândia	43	33	29
França	47	44	44
Alemanha	48	44	39
Itália	38	42	44
Países Baixos	40	39	36
Portugal	42	40	37
Espanha	47	43	39
Noruega	42	35	32
Suécia	29	23	28
Suíça	40	37	35
Reino Unido	47	38	35
Austrália
Canadá	42	33	35

FONTE: BIS QUARTERLY REVIEW. Basel: Bank for International Settlements, p. 46, Aug. 1999.

(1) Em instituições depositárias. (2) Para Áustria, Bélgica, Itália, Países Baixos e Suíça, todos os bancos; para todos outros países, bancos comerciais. (3) Como percentual do resultado bruto. (4) Para a zona do euro e França, 1985; para Austrália e Suécia, 1984; para Portugal, 1982; para Espanha, 1981. (5) Do pico à mais recente observação, quando aplicável. (6) Para Áustria, França, Itália e Bélgica, 1981-82; para Canadá, 1982. (7) Excluindo Irlanda e Luxemburgo.

3 - Consolidação no setor bancário europeu, no contexto da União Monetária Européia

O Programa de Mercado Único e a União Monetária Européia (UME) podem ser vistos como redutores de barreiras de eficiência para consolidação bancária dentro das fronteiras da União Européia e dentro do subconjunto de nações participantes da união monetária respectivamente. De fato, essas políticas podem reduzir ou eliminar as diferenças entre moeda, estruturas regulatórias e/ou de supervisão bancária e, ainda, as regras explícitas contra competidores estrangeiros por parte dos países da União Européia, o que torna, em tese, mais fácil e menos custoso para as instituições financeiras operarem através das fronteiras entre países dentro da UE (Berger et al, 2000, p. 9). Portanto, a Lei do Mercado Único criou, teoricamente, as mesmas oportunidades para a atividade de F&A e de concentração bancária, que ocorreu recentemente nos EUA.

O euro, em particular, pode desempenhar um papel importante na zona do euro ao reforçar os fatores que têm conduzido o processo de consolidação no setor bancário europeu. Com a adoção da moeda única, é de se esperar um aumento na competição entre as instituições financeiras, reduzindo as barreiras à entrada, diminuindo o risco cambial (devido à redução nos custos de conversão da moeda) e reduzindo os custos para os consumidores comprarem serviços das instituições estrangeiras. Uma vez que a moeda única levanta as barreiras econômicas relativas à oferta de serviços bancários entre fronteiras dentro da zona do euro, a sua adoção tem o potencial de expandir a capacidade de crescimento e de diversificação dos bancos dentro do bloco. Como a adoção do euro deve acarretar, em princípio, uma intensificação na competição bancária, ela pode reforçar o incentivo para se criarem instituições capazes de competir efetivamente em uma escala pan-européia. Sua influência tem fortalecido a tendência em direção a instituições maiores que sejam capazes de obter os plenos benefícios de maiores economias de escala, trazidos tanto pelo aumento na escala de produção quanto pelo progresso técnico (Ann. Rep. 70th, 2000, p. 134).

De forma geral, pode-se destacar, a partir de Belaisch *et al* (2001) e de Molyneux (2000), como tendências nos mercados bancários da Área Econômica Européia⁸, na última década, algumas características que são de alguma forma similares àquelas referentes à indústria bancária global⁹:

⁸ Inclui, além dos países da zona do euro, Reino Unido, Suécia e Dinamarca, ou seja, todos os países da UE.

⁹ Tais características não são tão claras no caso dos países emergentes, onde se observa, por exemplo, em alguns países e regiões (como ilustra a Europa Central), um processo de desconcentração bancária. Ver, a respeito, Hawkins e Mihaljek (2001).

- existe uma queda na quantidade de instituições de crédito na maioria dos membros da UE¹⁰; todos os países, com exceção de Portugal, experimentaram um declínio no número de bancos desde o final dos anos 80, mas, ao mesmo tempo, o número de bancos estrangeiros tem aumentado. A redução no número de instituições de crédito, na maioria dos países, pode ser atribuída às fusões e incorporações, embora outras formas de saída de mercado — tais como liquidação — possam também ter contribuído para esse declínio;
- uma tendência comum não pode ser identificada em termos do número de agências bancárias, embora, em alguns dos maiores mercados bancários (Alemanha, Itália e Espanha), o número de agência tenha proliferado durante os anos 90. Por outro lado, o número de empregados declinou de 1995 para 1999, particularmente na Finlândia e no Reino Unido;
- a concentração de mercado tem aumentado na maioria dos países europeus, e, nos sistemas bancários dos países menores, a participação relativa dos cinco maiores bancos excede 50% do total de ativos, empréstimos e depósitos do setor bancário. Conseqüentemente, o grau de concentração no topo é particularmente elevado nos menores países-membros da UE¹¹, onde atualmente um pequeno número de bancos domina o setor bancário¹²;
- embora os sistemas bancários da Área Econômica Européia estejam se tornando mais concentrados, através de fusões de grandes instituições, a concentração permanece, fundamentalmente, em mãos domésticas. A participação dos bancos estrangeiros dentro dos mercados domésticos é pequena nas quatro maiores economias da zona do euro.¹³ Eles são significantes apenas na Bélgica, na Irlanda e em Luxemburgo, onde o *market share* das subsidiárias das instituições bancárias estrangeiras

¹⁰ De acordo com a Tabela 5, o número de instituições depositárias (banco comerciais, de poupança, mútuos e cooperativas de crédito) na zona do euro caiu de 9.445 em 1980 para 7.040 em 1997.

¹¹ As exceções são Irlanda, Áustria e Luxemburgo.

¹² De acordo com informações de Belaisch *et al* (2001, p. 16), a participação dos cinco maiores bancos no total de ativos bancários em 1998 era de 89,7% na Bélgica; 69,5% na Espanha; 69,3% na Irlanda; 63,3% nos Países Baixos; e 51,5% na Áustria.

¹³ A participação estrangeira dentro dos mercados domésticos (total de ativos) era, no final de 1997, de 4,3% na Alemanha, 9,8% na França, 6,8% na Itália e 11,7% na Espanha (idem, 2001, p. 17).

como percentagem do total de ativos no final de 1997 era de 36,3%, 53,6% e 94,6% respectivamente (Belaisch et al, 2001, p. 17);

- a consolidação tem se acelerado, recentemente, no topo do setor bancário, uma vez que mais da metade dos 30 maiores bancos da zona do euro são resultado de recentes fusões e o tamanho médio dos cinco maiores tem dobrado desde 1995.¹⁴ Conseqüentemente, o tamanho médio dos 30 maiores grupos bancários da zona do euro pulou de US\$ 114,9 bilhões em 1990 para US\$ 321,0 bilhões em 1999 (Tabela 5). Assim, as F&A estão alterando profundamente a estrutura do setor bancário europeu, com impacto significativo no *ranking* dos maiores grupos bancários;
- existe um declínio nas margens líquidas de juros — a diferença entre as receitas dos bancos oriundos dos empréstimos e a remuneração dos depósitos bancários — em, virtualmente, todos os sistemas bancários dos países da UE, possivelmente como resultado de pressões competitivas crescentes sobre o setor bancário. A desregulamentação dos serviços da indústria bancária na região, nos últimos 15 anos, tem aumentado consideravelmente a competição no setor bancário e reduzido a atividade relacionada à intermediação financeira tradicional como a principal fonte de receita dos bancos. De fato, entre 1992 e 1998, a margem líquida de juros na zona do euro (média da região) declinou de 2,0% para 1,5% do total de ativos dos bancos (Belaisch et al, 2001, p. 22);
- conseqüentemente, bancos têm, de forma crescente, focado sua atenção sobre o aumento das receitas não-juros como fonte de rendimentos, deslocando, parcialmente, os ganhos com juros como principal fonte de receitas dos bancos.¹⁵ No Reino Unido, na Áustria, na Finlândia, na França e na Suécia, cerca de 40% da receita bruta do sistema bancário foi derivada de receitas de origem não-juros em 1996, enquanto, na

¹⁴ Cerca de 500 fusões e aquisições foram realizadas em 1991-92 na zona do euro, no montante total de US\$ 17,5 bilhões, enquanto, em 1997-99, somente 200 F&A foram realizadas, no montante de cerca de US\$ 110,0 bilhões — um número menor de F&A, mas em escala bem maior (Idem, 2001, p. 14).

¹⁵ É interessante notar, entretanto, que o sistema financeiro na zona do euro continua a ser dominado pelos bancos. De acordo com a explicação de Belaisch *et al* (2001, p. 6), "(...) ao contrário dos Estados Unidos, onde os bancos comerciais têm somente recentemente sido capazes de emitir fundos mútuos e vender produtos de seguros, o crescimento de novos veículos de poupança está substituindo os rendimentos tradicionais dos bancos universais na zona do euro, e, por isso, as receitas não são necessariamente perdidas para outros intermediários financeiros".

Alemanha e na Noruega, entre 20% e 25% da receita bruta proveio de fontes de receitas não-juros, já que esses países têm uma forte tradição de terem bancos adiantando crédito para indústria e outros clientes (Molyneux, 2000, p. 6). Em particular, a expansão de comissões bancárias tem sido, principalmente, baseada no grande crescimento dos fundos mútuos, uma linha de negócios em que os bancos, na maioria dos países da zona do euro, têm assegurado um proeminente papel;

- a lucratividade do setor bancário nos diferentes países apresenta um quadro misto, embora, na maioria dos países, os retornos tenham melhorado, a despeito do declínio na eficiência bancária. O desenvolvimento das atividades relacionadas às receitas não-juros podem ter tido um efeito positivo sobre o desempenho dos bancos, ainda que a lucratividade permaneça de modo geral mais baixa do que nos Estados Unidos.¹⁶

Molyneux (2000) conclui que, enquanto os mercados bancários dos países da UE têm se tornado crescentemente concentrados, o número de bancos têm diminuído. Por outro lado, ainda que não exista nenhuma tendência óbvia de queda no desempenho bancário nos diferentes países, a competição parece ter se intensificado na zona do euro, uma vez que a desregulamentação e as mudanças tecnológicas têm tornado os mercados bancários mais contestáveis.

Como resultado da maior competição, o ritmo da consolidação financeira, na Europa, acelerou-se recentemente, provavelmente em antecipação à introdução da nova moeda. As forças motoras do processo de consolidação na Área Econômica Européia, que estão mudando a estrutura do setor bancário europeu, incluem, entre outras, tecnologia da informação, desintermediação financeira e integração dos mercados internacionais de capital, onde a criação da moeda única desempenha um papel essencial.

Como pode ser visto na Tabela 6, as fusões e aquisições financeiras não têm se restringido às linhas da indústria bancária, mas estão, também, freqüentemente fora destas, em particular, em operações envolvendo duas instituições financeiras não-bancárias ou bancos comprando companhias de seguro, presumivelmente devido à popularidade do *bancassurance* e à ausência de barreiras legais. Entretanto as instituições bancárias têm se expandido mais ativamente para outros setores da indústria financeira do que outras instituições

¹⁶ De acordo com a Tabela 4, o retorno sobre ativos, na zona do euro, cresceu, em média, de 0,55% em 1996 para 0,63% em 1998, enquanto, nos EUA, ele caiu de 1,83% para 1,42% no mesmo período.

financeiras no negócio bancário.¹⁷ Pode ser também visto que **as fusões e aquisições permanecem, em boa medida confinadas dentro das fronteiras nacionais**, contrastando com o pequeno volume de negócios, envolvendo outros países participantes da UME. Portanto, tem havido significativa consolidação doméstica com instituições bancárias assim como expressiva atividade de F&A envolvendo corretoras de títulos e seguradoras nos países da UE, mas pouca consolidação internacional envolvendo bancos europeus dentro da Área Econômica Européia.¹⁸

A atividade atual de consolidação bancária entre países na UE tem tomado, freqüentemente, a forma de alianças estratégicas, muitas vezes reforçadas pela aquisição de participações minoritárias e não-controladoras, como ilustrado pela aliança entre BSCH e Royal Bank of Scotland. Portanto, a consolidação bancária na Área Econômica Européia, especialmente no mercado varejista, tem ocorrido, predominantemente, dentro das fronteiras nacionais mais do que entre países. Banqueiros em geral acreditam que uma posição forte no mercado doméstico é crucial para uma expansão bem-sucedida no Exterior. De fato, como assinala o relatório do European Central Bank (2000, p. 5), "(...) parece que, em muitos países, os grupos bancários têm procurado primeiro consolidar sua posição dentro das fronteiras nacionais antes de fazerem um movimento estratégico como resposta à criação do mercado único e da introdução da moeda única". Por outro lado, F&A, em geral, dentro dos países da UE, têm como meta, freqüentemente, a criação de grupos financeiros regionais, em que Fortis, Dexia e Merita Nordbanken são bons exemplos.

¹⁷ Como ressalta o estudo feito pelo European Central Bank (2000, p. 14), "(...) isto pode ser devido às barreiras à entrada que historicamente são mais altas no setor bancário do que no setor de seguros. E também pode ser devido ao fato de que em muitos estados-membros [da União Européia] a indústria bancária é bem mais desenvolvida do que a indústria de seguros".

¹⁸ Ainda de acordo com o relatório do European Central Bank (2000, p. 11), as principais características das F&A envolvendo bancos domésticos na Área Econômica Européia durante a segunda metade dos anos 90 são: (a) F&A domésticas ocorreram principalmente entre instituições menores, indicando um enxugamento de excesso de capacidade; (b) F&A de instituições grandes estão crescendo tanto em termos absolutos quanto relativos, afetando, assim, as estruturas de mercado em alguns países; (c) o número de F&A foi claramente mais alto em 1998 e 1999 comparados com os três anos anteriores.

Tabela 5

Os 30 maiores grupos bancários da zona do euro — 1990, 1995 e 1999

a)1990

(US\$ milhões)

GRUPOS	TOTAL DE ATIVOS
Crédit Agricole	241 992
BNP	231 463
Crédit Lyonnais	210 727
Deutsche Bank	202 263
Société Générale	164 741
Caisses d'Epargne	152 722
Dresdner Bank	147 001
Paribas	138 668
Commerzbank	112 825
DG Bank	109 168
IBSanPaolo	107 403
Westdeutsche Landesbank Giro	104 508
Bayerische Vereinsbank	102 191
BNL	100 967
Amro Bank	93 824
Bayerische Landesbank	90 855
ABN	90 411
Bayerische Hypotheken & Wechsel	90 129
Rabobank Netherlands	90 016
BCI	88 594
NMB Postbank Group	84 194
Cariplo	82 103
Monte dei Paschi di Siena	75 694
Credito Italiano	75 223
CIC Group	74 725
BBV	69 986
Generale Bank	67 637
Nordeutsche Landesbank	67 515
Banques Populaires	64 701
Banque Indosuez	55 316
BBL	50 548
Média	114 905
Média dos cinco maiores	210 237
Média dos três maiores	228 061

Tabela 5

Os 30 maiores grupos bancários da zona do euro — 1990, 1995 e 1999

b) 1995

(US\$ milhões)

GRUPOS	TOTAL DE ATIVOS
Deutsche Bank	368 261
Crédit Agricole	328 152
Crédit Lyonnais	327 903
ABN-Amro	290 835
Société Générale	278 006
BNP	271 635
Dresdner Bank	253 818
Paribas	242 219
Westdeutsche Land Giro	237 535
Commerzbank	220 704
Bayerische Vereinsbank	204 423
Caisses d'Epargne	187 411
Bayerische Hypotheken & Wechsel	177 540
Bayerische Landesbank	171 816
Krediteanstalt für Wiederaufbau	158 736
DG Bank	158 227
Bankgesellschaft Berlin	157 197
Rabobank Netherlands	155 082
SanPaolo Bank Holding	153 115
Generale Bank	126 889
International Nederland Bank	125 343
Nordeutsche Landesbank	118 507
Banco Santander	114 174
Cariplo	107 788
Sudwest LB	107 602
Crédit Communal de Belgique	99 941
BBV	99 174
BNL	98 662
CIC	97 839
Banca di Roma	93 373
BCI	92 449
Média	190 739
Taxa de crescimento 1990-95 (%)	66,00
Média dos cinco maiores	318 631
Taxa de crescimento 1990-95 (%)	51,56
Média dos três maiores	341 439
Taxa de crescimento 1990-95 (%)	49,71

Tabela 5

Os 30 maiores grupos bancários da zona do euro — 1990, 1995 e 1999

c) 1999

(US\$ milhões)

GRUPOS	TOTAL DE ATIVOS
Deutsche Bank + Bankers Trust (1)	732 534
BNP Paribas (1)	688 361
ABN-Amro (1)	504 122
Hypovereinsbank (1)	504 122
Crédit Agricole + Indosuez (1)	455 792
Société Générale	447 545
Dresdner Bank	427 261
Westdeutsche Land Giro	408 372
Commerzbank	381 359
ING Bank Group (1)	326 813
Fortis (1)	323 567
Rabobank Netherlands	291 353
Crédit Mutuel + CIC (1)	284 461
Bayerische Landesbank	284 064
BSCH (1)	258 872
DG Bank	248 297
Crédit Lyonnais	243 708
Banques Populaires + Natexis (1)	239 673
BBVA (1)	237 747
Caisses d'Epargne	235 660
Dexia (1)	232 601
Bankgesellschaft Berlin	220 646
SanPaolo IMI (1)	185 403
Banca Intesa (1)	179 258
Unicredito Italiano (1)	171 730
Nordeutsche Land Giro	170 759
KBC Bank (1)	163 125
Bank Austria (1)	140 161
BCI	132 188
Banca di Roma	122 145
Merita Nordbanken (1)	112 049
Média	320 977
Taxa de crescimento 1995-99 (%)	68,28
Média dos cinco maiores	576 986
Taxa de crescimento 1995-99 (%)	81,08
Média dos três maiores	641 672
Taxa de crescimento 1995-99 (%)	87,93

FONTE: The Banker (apud Belaisch et al., 2001, p. 15).

NOTA: Em termos de total de ativos.

(1) Grupos bancários que resultam de recentes fusões.

Tabela 6

Fusões e aquisições na indústria financeira, na zona do euro — 1998-2000

DISCRIMINAÇÃO	MESMO PAÍS (US\$ milhões)	OUTRO PAÍS DA ZONA DO EURO (US\$ milhões)	OUTRO PAÍS FORA DA ZONA DO EURO (US\$ milhões)	TOTAL (US\$ milhões)	PERCENTAGEM (1)
Bancos com bancos					
1998	8 445	147	13 787	22 379	13,0
1999	41 242	9 465	7 495	58 202	34,2
2000 (2)	4 528	0	11 654	16 182	62,0
Bancos com instituição não-bancária					
1998	28 604	646	897	31 147	37,9
1999	20 816	800	4 130	25 746	56,4
2000 (2)	4 768	1 631	653	7 052	39,1
Instituição não-bancária com não-bancária					
1998	7 299	7 974	1 201	16 474	13,8
1999	15 508	378	21 888	37 774	40,7
2000 (2)	5 071	9	454	5 534	18,8

FONTE: ANNUAL REPORT, 70th. Basel: Bank for International Settlements, p. 134, 2000.

NOTA: Incluem empresas, compradas ou vendidas, residentes na zona do euro.

(1) De fusões e aquisições em todos os países. (2) 1º de janeiro a 10 de abril.

Portanto, parece haver alguns impedimentos para a ocorrência de fusões e de aquisições dentro dos países da UE e um incentivo para tal atividade fora da região. Um desses incentivos é a ausência de uma agência regulatória única na UE, que tem limitado os benefícios para os bancos se expandirem para áreas de atividades financeiras entre países e, ao mesmo tempo, tem impedido os bancos europeus de se engajarem na diversificação de ganhos e na redução dos níveis de capital tal como tem sido praticado nos EUA. Assim, a despeito da uniformidade que deveria ter sido criada depois da Lei do Mercado Único e das várias diretrizes das comissões bancárias e financeiras européias e da introdução da moeda comum, dificuldades, tais como diferentes regulamentações prudenciais nacionais, têm tornado as operações entre países mais difíceis. Existem, ainda, múltiplas agências de supervisão dentro dos diferentes

países e nenhuma agência de coordenação ou uma agência regulatória única dos bancos para a zona do euro¹⁹ (Kregel, 2001). De acordo com White (1998, p. 14-15), analisando as transformações nos bancos da Europa continental, nos países que fazem parte da UE,

“(...) os impedimentos institucionais para competição internacional na Europa continental permanecem grandes. As estruturas legais, de impostos, regulatório e de supervisão, dentro dos quais as instituições financeiras têm que operar, continuam a diferir, de forma significativa, entre os vários países da União Européia. Procedimentos de contabilidade, ‘padrões técnicos’ e práticas de empregos diferentes também trabalham na mesma direção. Tais diferenças tornam a competição internacional mais complexa”.

Uma explicação diferente — mas não excludente — para o fato de que a expansão entre fronteiras tem sido rara, e a consolidação tem sido observada principalmente dentro da fronteira nacional, é dada por Boot (1999, p. 610-611):

“Os bancos domésticos na Europa foram — e são — protegidos como bandeira nacional. Uma crença básica de que as instituições financeiras não devem ser controladas por estrangeiros tem quase que impedido qualquer fusão entre fronteiras (...) Fusões domésticas são geralmente estimuladas para proteger interesses nacionais”.

Na mesma direção, Belaisch *et al* (2001, p. 12) colocam que

“(...) alguns comentadores têm interpretado a orientação dos governos como um aparente desejo de limitar a propriedade estrangeira de algumas instituições influentes e de criar alguns poucos ‘campeões nacionais’ em cada país para competir no mercado europeu e global”.

De fato, a consolidação tem sido limitada, algumas vezes com orientação implícita do governo, para dentro das fronteiras nacionais. Os governos dos países-membros da UE têm, freqüentemente, recusado a entrada de bancos de (outros) países da UE. Assim, alguns bancos que têm tentado entrar em outros países da UE têm se defrontado com forte oposição dos países hospedeiros. Como pode ser visto no Quadro 3, a maioria das F&A entre os grandes grupos bancários na UE envolve, principalmente, grupos do mesmo país.

¹⁹ De fato, como Belaisch *et al* (2001, p. 56) assinalam, “(...) a estrutura atual de supervisão bancária na zona do euro é organizada dentro das fronteiras nacionais e, como resultado da introdução do euro, o domínio geográfico da política monetária não coincide com aquele da supervisão prudencial”.

Quadro 3

Recentes fusões e aquisições entre grandes grupos bancários em 10 países da UE

PAÍSES	GRUPOS BANCÁRIOS
Espanha	BSCH (Banco Santander + Banco Central Hispano + Banesto) BBVA (Banco Bilbao Vizcaya + Argentina)
Áustria	Bank Austria (Bank Austria + Creditanstalt) Erste Bank (Giro Credit + Erste SparCasse)
Itália	SanPaolo IMI (Istituto Bancario SanPaolo di Torino + IMI) Banca Intesa (Banco Ambrosiano Veneto + Cariplo + CPP) + BCI Unicredito Italiano (Credito Italiano + Unicredito)
Alemanha	Hypo Vereinsbank (Bayerische Vereinsbank + HypoBank) Deutsche Bank + Bankers Trust
França	BNP-Paribas (BNP + Paribas) Banques Populaires + Natexis Crédit Mutuel + CIC Caisse d'Espargne + Crédit Foncier Société Générale + Crédit du Nord Crédit Agricole + Banque Sofinco + Banque Indosuez
Portugal	Banco Comercial Português + Banco Português do Atlântico Caixa Geral de Depósitos + Banco Pinto & Sotto Mayor
Bélgica	KBC (Kredietbank + Cera) Bacob + Artesia Bank
Países Baixos	ABN-Amro (ABN + Amro)
Dinamarca	Unibank (Unibank + Tryg-Baltica)
Reino Unido	Lloyds TSB (Lloyds + TSB) Royal Bank of Scotland + Netwest

(continua)

Quadro 3

Recentes fusões e aquisições entre grandes grupos bancários em 10 países da UE

PAÍSES	GRUPOS BANCÁRIOS
Entre países	Dexia (Crédit Local de France e Crédit Communal de Belgique) Fortis (Générale de Bank e ASLK-CGER Bank) Merita Nordbanken-Unidanmark ING + Banque Brussels Lambert HSBC + CCF BSCH + Totta & Acores Bank Austria + Hypovereinsbank
Alianças/participações minoritárias	BSCH-Royal Bank of Scotland-SanPaolo IMI-SG-Commerzbank-Champalimaud Crédit Agricole-Crédit Lyonnais-Banca Intesa BBVA-Banco di Napoli-BNL-Credit Lyonnais ABN-Amro - Banca di Roma

FONTE: Adaptado de BELAISCH, A. et al. **Euro-area banking at the crossroads**. Washington: International Monetary Fund, 2001. p. 13 (IMF working paper, 01/28).

Em resumo, parece haver algumas barreiras que limitam a consolidação internacional de instituições financeiras dentro da Europa e inibem a criação de um mercado financeiro único na UE. Consolidação europeia e mesmo consolidação envolvendo terceiros países podem ser temperados por diferenças estruturais entre os mercados de capital, impostos e regimes regulatórios de cada país (Berger; Young; Udell, 2000).

Retornando à Tabela 6, pode ser observado que, em termos de valor, as F&A envolvendo outros países fora da zona do euro aumentaram bastante nos últimos anos. Uma vez que os preços para compra de instituições financeiras em países emergentes são muito mais baratos do que nos países europeus, deve-se considerar que essa diferença, em realidade, é muito maior.²⁰ Por

²⁰ De acordo com Sebastian e Hernansanz (2000, p.19), 1% de participação no mercado de depósitos bancários na Alemanha, em 1999, custava US\$ 2,3 bilhões, se isso fosse alcançado pela compra de participação nos maiores bancos listados. A mesma participação teria representado um desembolso de US\$ 196 milhões na Argentina e de US\$ 205 milhões no México.

outro lado, considerando tanto o número de transações quanto o valor, as F&A envolvendo terceiros países são maiores do que as F&A dentro da Área Econômica Européia (Tabelas 6 e 7). Portanto, existe alguma evidência da crescente importância das aquisições fora da fronteira do euro na estratégia de alguns grupos bancários europeus. Particularmente importante tem sido a expansão geográfica para mercados emergentes na América Latina, no Sudeste Asiático e na Europa Oriental. De alguma forma, a expansão tem ocorrido, em parte, em países emergentes em que os bancos europeus têm/tiveram conexões históricas, como parece ser o caso dos bancos espanhóis, italianos e portugueses na América Latina. Para alguns grupos bancários europeus, expandir-se para o Exterior não é somente uma fonte de diversificação de ganhos, mas, também, um meio que eles têm encontrado para se fortalecer, considerando o aumento da competição bancária na Área Econômica Européia.

Tabela 7

Número de fusões e aquisições de instituições de crédito nos países da UE — 1995/00

PAÍSES	F&A DOMÉSTICAS						Média 1995-99
	1995	1996	1997	1998	1999	2000 (1)	
Áustria	14	24	27	37	20	5	24
Bélgica	6	8	7	6	6	0	7
Alemanha	100	117	109	189	240	91	151
Dinamarca	2	2	1	1	0	1	1
Espanha	4	4	1	5	5	3	4
Finlândia	7	6	5	5	2	3	5
França	60	61	46	52	51	21	54
Grécia	0	0	3	7	3	0	3
Irlanda	1	1	0	2	1	0	1
Itália	68	56	45	52	64	30	57
Luxemburgo	3	1	3	9	6	6	4
Países Baixos	2	2	5	0	1	2	2
Portugal	5	5	1	1	0	6	2
Suécia	1	2	2	1	1	0	1
Reino Unido	2	4	15	16	14	4	10
TOTAL	275	293	270	383	414	172	-

(continua)

Tabela 7

Número de fusões e aquisições de instituições de crédito nos países da UE — 1995/00

PAÍSES	F&A NA ÁREA ECONÔMICA EUROPÉIA						
	1995	1996	1997	1998	1999	2000 (1)	Média 1995-99
Áustria	0	0	1	0	0	0	0
Bélgica	0	1	0	0	3	2	1
Alemanha	15	0	2	6	10	6	7
Dinamarca	0	0	1	0	2	0	1
Espanha	0	1	0	2	1	7	1
Finlândia	2	0	0	1	0	1	1
França	0	0	1	1	2	2	1
Grécia	0	0	0	0	0	0	0
Irlanda	1	1	1	1	0	0	1
Itália	0	0	0	0	0	0	0
Luxemburgo	0	0	0	3	3	1	1
Países Baixos	1	1	3	1	1	0	1
Portugal	1	0	0	0	0	2	0
Suécia	0	0	3	0	3	2	1
Reino Unido	0	3	0	3	2	0	2
TOTAL	20	7	12	18	27	23	-

PAÍSES	F&A COM OUTROS PAÍSES FORA DA UE						
	1995	1996	1997	1998	1999	2000 (1)	Média 1995-99
Áustria	0	0	1	0	4	3	1
Bélgica	0	0	2	1	2	1	1
Alemanha	7	17	7	7	19	4	11
Dinamarca	0	0	0	0	0	1	0
Espanha	9	6	18	8	11	19	10
Finlândia	0	0	0	1	0	1	0
França	1	0	0	0	2	2	1
Grécia	0	1	0	2	5	1	2
Irlanda	1	2	2	0	1	0	1
Itália	5	3	0	3	2	0	3
Luxemburgo	0	1	0	0	1	1	0
Países Baixos	4	8	0	2	1	3	3
Portugal	0	1	1	4	2	1	2
Suécia	0	0	0	0	3	0	1
Reino Unido	4	4	6	5	3	2	4
TOTAL	31	43	37	33	56	39	-

FONTE: EUROPEAN CENTRAL BANK. **Merger and acquisitions involving the EU banking industry: facts and implications.** Disponível em: <http://www.ecb.int> 2000.

(1) 1º semestre do ano.

4 - Conclusão

Duas conclusões principais podem ser extraídas do presente artigo. Em primeiro lugar, há fortes evidências de que está em curso, nos países desenvolvidos, um processo de consolidação bancária, como resultado, principalmente, do processo de desregulamentação financeira e das inovações tecnológicas. Esse processo tem acarretado intensas mudanças na indústria bancária nos países desenvolvidos, evidenciadas pela diminuição na quantidade de instituições bancárias, no aumento no grau de concentração bancária na maioria dos países, no declínio nas margens líquidas de juros dos bancos devido ao aumento na competição bancária e, por fim, na formação de grandes conglomerados financeiros, em níveis regional e internacional.

Em segundo lugar, embora a consolidação bancária tenha se acelerado, recentemente, na Europa, existem alguns impedimentos para fusões e aquisições envolvendo diferentes países da UE e um incentivo para tal atividade fora da região. Um desses incentivos é a ausência de uma agência reguladora única na UE, que tem limitado os benefícios para os bancos se expandirem para áreas de atividades financeiras entre países. Assim, a despeito da uniformidade que deveria ter sido criada depois da Lei do Mercado Único e das várias diretrizes das comissões bancárias e financeiras européias e da introdução da moeda comum, dificuldades, tais como diferentes regulamentações prudenciais nacionais, têm tornado as operações entre países mais difíceis. Existem, ainda, múltiplas agências de supervisão dentro dos diferentes países e nenhuma agência de coordenação ou uma agência reguladora única dos bancos para a zona do euro. Conseqüentemente, as fusões e incorporações permanecem, em boa medida, confinadas dentro das fronteiras nacionais ou fora das fronteiras da UE.

Bibliografia

ANNUAL REPORT, 66th. Basel: Bank for International Settlements, 1996.

ANNUAL REPORT, 70th. Basel: Bank for International Settlements, 2000.

BELAISCH, A. et al. **Euro-area banking at the crossroads**. Washington: International Monetary Fund, 2001. (IMF working paper, 01/28).

BERGER, A. N. **The big picture of bank diversification**. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.

BERGER, A. N. et al. **Globalization of financial institutions: evidence from cross-border banking performance**. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.

BERGER, A. N.; DEYOUNG, R.; UDELL, G. F. **Efficiency barriers to the consolidation of the European financial services industry**. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.

BIS QUARTERLY REVIEW. Basel: Bank for International Settlements, Aug. 1999.

BOOT, A. W. European lessons on consolidation in banking. **Journal of Banking & Finance**, v. 23, p. 609-613, 1999.

EDWARDS, F. R.; MISHKIN, F. S. The decline of traditional banking: implications for financial stability and regulatory policy. **FRBNY Economic Policy Review**, p. 27-45, Jul. 1995.

EUROPEAN CENTRAL BANK. **Merger and acquisitions involving the EU banking industry**: facts and implications. Disponível em: <http://www.ecb.int>. 2000.

FOCARELLI, D.; POZZOLO, A. F. **The determinants of cross-border bank shareholdings**: an analysis with bank-level data from OECD countries. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.

HAWKINS, J.; MIHALJEK, D. **The banking industry in the emerging markets economies**: competition, consolidation and systemic stability. Basle: Bank for International Settlements, 2001. (BIS Papers n. 4).

KREGEL, J. European bank concentration in the light of US experience. In: EUROPEAN BANKS AND THE BRAZILIAN FINANCIAL SYSTEM. **Workshop**. [s.l.]: Centre for Brazilian Studies; University of Oxford, 2001.

KROSZNER, R. S. The economics and politics of financial modernization. **FRBNY Economic Policy Review**, p. 25-37, Oct. 2000.

MOLYNEUX, P. **Does size matter?** Financial restructuring under EMU. [s.l.: s.n.], 2000. mimeo.

PAULA, L. F. **The recent wave of European banks in Brazil**: determinants and impacts. São Paulo; Oxford: Banco Santos; Centre for Brazilian Studies, 2002.

SANTOMERO, A. M.; ECKLES, D. L. The determinants of success in the new financial services environment. **FRBNY Economic Policy Review**, Oct. 2000.

SEBASTIAN, M.; HERNANSANZ, C. **The Spanish bank's strategy in Latin America**. Viena: Société Universitaire Européenne de Recherches Financières, 2000. (SUERF Studies n. 9).

WHITE, W. R. **The coming transformation of continental European banking?** Basle: Bank for International Settlements, 1998. (BIS Working Papers n. 54).